

# CONSCIÊNCIA DE CLASSE

“OS FILÓSOFOS APENAS INTERPRETARAM O MUNDO DE DIFERENTES MANEIRAS O QUE IMPORTA É TRANSFORMÁ-LO”



Emancipação Socialista



(11) 95675-2133

Nº 21

15/09 a 14/10 de 2022

R\$ 2,00

## INDEPENDÊNCIA SÓ QUANDO A CLASSE TRABALHADORA CHEGAR AO PODER



**3**

**O PODER DOS BANCOS NÃO É  
QUESTIONADO NESSAS ELEIÇÕES**

**4 e 5**

**O BICENTENÁRIO DA  
(IN)DEPENDÊNCIA**

**6**

**OS ANTIDEMOCRÁTICOS DEBATES  
ELEITORAIS**

**7**

**A FOME É UM PRODUTO  
CAPITALISTA**

**8**

**LIÇÕES DA DERROTA DO  
PLEBISCITO NO CHILE**

**Encarte**

**MAIS-VALIA E A EXPLORAÇÃO  
CAPITALISTA**

## HAJA RACHADINHA!

**F**oram 107 imóveis negociados pelo clã Bolsonaro (principalmente Jair Bolsonaro, irmãos e filhos), com 51 adquiridos em dinheiro vivo pago parcialmente ou de forma total, isto é, a metade do patrimônio em imóveis foi comprada com dinheiro vivo.

A família Bolsonaro, principalmente seus filhos, também carrega acusação de corrupção devido às rachadinhas.

O patrimônio tem sido construído pelo menos desde a década de 1990, época que em Bolsonaro inicia sua carreira parlamentar, e está localizado em Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo. Ao menos 25 desses imóveis foram alvos de investigação do MP-RJ e DF. Já os imóveis registradas como comprados em espécie, ou seja, em notas, correspondem ao valor de 13,5 milhões na época, que corrigidos pela inflação são 25,6 milhões.

Segundo reportagem do UOL, Bolsonaro e as ex-mulheres (Rogéria e Ana Cristina) compraram 8 imóveis no valor total de 973,1 mil (3,2 milhões hoje); os filhos Flávio, Eduardo e Carlos Bolsonaro adquiriram 19 imóveis no valor total 8,5 milhões (15,7 milhões atuais); têm irmãos e mãe o que corresponde a 24 imóveis no valor se 4,1 milhões (6,6 milhões corrigidos).

Assim, a família Bolsonaro aumentou exponencialmente seu patrimônio com a entrada de Jair Bolsonaro como parlamentar e, posteriormente, seus filhos.

É muito comum desse clã Bolsonaro despejar falas de ódio contra as consideradas minorias (mulheres, negros, LGBTQIA+, indígenas e quilombolas), exaltar torturadores e a ditadura militar. E isso é típico da extrema-direita que se utiliza de falso moralismo, enquanto está atolada em casos de corrupção e privilégios do Estado, como no caso da casta militar de alta patente presente no governo federal.

Fora Bolsonaro, todo seu governo e parlamentares contra a classe trabalhadora!

## CUIDADO, QUEREM ATACAR AS COTAS!

**A** Lei 12711/12 completou dez anos garantindo vagas para pretos e pardos nas universidades federais. Uma conquista de estudantes que se fez valer em todo o país, que desde 2003 já vale na UERJ com a luta iniciada lá. E precisamos defendê-la contra os ataques da extrema direita, bolsonaristas e MBL.

Eles atacam o direito às cotas com Kim Kataguirri propondo um Projeto de Lei retirando esse direito nas universidades federais e com Fernando Holiday propondo um outro Projeto de Lei para retirar esse direito no serviço público em São Paulo. Defendem isso para aprofundar os ataques à Educação com cortes bilionários no MEC e

impedir a permanência e o ingresso das camadas populares, negras e indígenas nas universidades.

Buscam mais esse ataque para descarregar a crise capitalista sobre as costas da classe trabalhadora e oferecem para a juventude trabalhadora um futuro sem emprego ou de trabalho precário. Restringir esse acesso às universidades federais têm sentido apenas para quem defende universidade para poucos como Milton Ribeiro, ex-ministro preso pelas propinas em ouro.

Por outro lado, devemos estar atentos na conciliação de Lula e do PT, aliados com Alckmin (inimigo conhecido da Educação pública, juventude, de educadores e professores da rede estadual em SP).

## EDUCAÇÃO NÃO PODE FICAR EM BAIXA

**A**pós 30 anos em alta, as matrículas em universidades federais brasileiras reduziram pela primeira vez, conforme o mais recente Censo de Educação do Ensino Superior, divulgado em maio. No período de 2019 e 2020, o número de estudantes que entraram no ensino superior pelas universidades federais passou de 1,3 milhão para 1,2 milhão. Ao lado da diminuição de matrículas se sobressaíram também os trancamentos. A queda se repete nas universidades públicas como um todo. As matrículas na rede federal, estadual e municipal caíram no mesmo período. A última redução tinha sido entre 2011 e 2012.

Queda de investimentos nas instituições, crise de repasse da administração financeira e o sucateamento podem ser as principais razões para esta diminuição, junto à carestia de vida gerada pela crise econômica. Também entre 2019 e 2020, as federais receberam

apenas 5,7 bilhões para despesas essenciais como água, luz, segurança e limpeza.

A título de comparação: em 2011, foram destinados 12 bilhões para essas mesmas despesas.

O descaso do governo federal com o futuro do país se comprova, assim, também pelo desmonte promovido no Ministério da Educação (MEC), pasta que vem sofrendo cortes orçamentários e acumula uma série de denúncias de corrupção no governo de Jair Bolsonaro. Não é coincidência que os indicadores mostrem prejuízos também no ensino superior público e novas leis atacam o às cotas.

Contra o fim das Cotas! Educação pública e de qualidade não pode ficar em baixa!



O jornal **Consciência de Classe** é o órgão de imprensa da organização Emancipação Socialista. Os artigos assinados expressam a opinião dos autores. Estamos abertos a contribuição de texto de ativistas de esquerda mesmo de carácter crítico às nossas posições.

**Emancipação Socialista** é uma organização formada por trabalhadores e trabalhadoras. Atuamos na luta de classes com o objetivo de construção do socialismo. Temos como referência o marxismo, um método vivo para a análise da realidade e da prática revolucionária.

Também nos apoiamos nas elaborações de outros marxistas revolucionários que contribuíram para o enriquecimento dessa teoria e da prática militante. Se tiver interesse em conhecer melhor nossas posições entre em contato por um dos canais das redes sociais.

# AS PRINCIPAIS CANDIDATURAS POUPAM BANCOS E BANQUEIROS NO DEBATE ELEITORAL

Segundo o poeta comunista Bertold Brecht, o que é roubar um banco comparado a fundar um banco? No Capitalismo, são os banqueiros que detêm a maior fatia do bolo de toda a riqueza produzida pelos trabalhadores. Como dentre os principais candidatos às eleições selecionados para os debates da mídia burguesa nenhum aponta para a superação do Capitalismo está obvio que todos satisfazem aos banqueiros.

## NO BRASIL O LUCRO DOS BANCOS NÃO TEM FREIO

Segundo os jornais burgueses, os bancos lucraram 8 vezes mais no governo Lula do que no de Fernando Henrique Cardoso. Hoje, 2022, se eleito, Lula vai manter Roberto Campos Neto, que é próximo ao ultra neoliberal Paulo Guedes, na presidência do Banco Central. Lula já se encontrou com banqueiros e empresários da FIESP e sinalizou que irá manter o diálogo com o que ele chamou de “setores produtivos”.

O principal oponente de Lula nas próximas eleições, o genocida Bolsonaro, com uma proposta de governo ultraliberal, fez com que os quatro maiores bancos do país (Santander, Bradesco, Itaú e Banco do Brasil) tivessem no primeiro trimestre desse ano o maior lucro líquido da história, 24,3 bilhões de reais. Enquanto no mesmo período, a inflação cresceu ao maior valor em sete anos, 2,86%!

Vale lembrar que passamos os dois últimos anos em pandemia, que acarretou mais desemprego e pobreza para a classe trabalhadora, o que não

ocorreu com os bancos. Em 2021, o sistema de bancos lucrou R\$132 bilhões de reais, 49% a mais de 2020 e 10% a mais que 2019, quando nem estávamos em situação pandêmica.

## A DÍVIDA PÚBLICA SÓ AUMENTA O LUCRO DOS BANCOS

Além da cobrança direta das taxas de juros, outro mecanismo de sugar o dinheiro dos trabalhadores é através do pagamento pelo Estado, da dívida pública.

Os créditos dessa dívida possuem juros exorbitantes que fazem com que ela não acabe e só acumule, levando a maior parte de nossas riquezas produzidas para as mãos dos banqueiros.

Em 2021, os juros e amortizações da dívida levaram 50,78% do PIB brasileiro, ou seja, R\$1,96 trilhões! Comparando o valor dispendido, em 2019, foram pagos 2,8 bilhões de reais por dia, em 2020, foram 3,8 bilhões por dia e em 2021, chegou ao valor de 5,4 bilhões de reais por dia! A sanha insaciável pelas riquezas produzidas pela classe trabalhadora está a cada dia mais direcionada pelos governos aos interesses dos banqueiros.

A Auditoria Cidadã da Dívida, entidade que denuncia e fiscaliza a verba destinada ao pagamento dessa dívida, lançou esse ano, uma carta de compromisso dos candidatos à presidência de realizar a transparência das contas públicas e a realização da auditoria da dívida pública com participação popular, somente dois candidatos se comprometeram com essa proposta: Vera Lúcia (PSTU) e Léo Péricles (UP).

## O QUE DIZ O PROGRAMA DAS CANDIDATURAS SOBRE A RELAÇÃO COM OS BANCOS

Em pesquisa nos programas dos candidatos à presidência, buscamos o que dizem sobre a relação com os bancos e o pagamento da dívida pública.

Lula (PT), informa em



suas propostas que deseja desenvolver linha de crédito para pequenas e médias empresas e parcelar dívidas de famílias de baixa renda “por meio de bancos públicos e incentivos aos bancos privados”, ou seja, manter a classe trabalhadora presa ainda mais aos juros dos bancos.

Bolsonaro (PL) apresenta em seu programa de governo que manterá “esforços de garantir a estabilidade econômica e a sustentabilidade da dívida pública”, nada novo, o projeto claro e direcionado ao favorecimento total aos banqueiros.

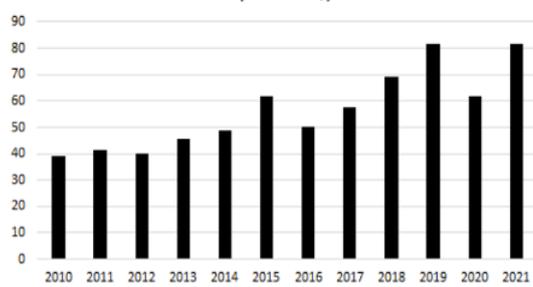
O candidato do PDT, Ciro Gomes não cita diretamente a relação com os bancos em seu governo, mas apresenta medidas de redução de 20% em subsídios e incentivos fiscais no primeiro ano de governo, recriação de imposto de lucros e dividendos e taxaço das grandes fortunas; medidas reformistas que não atacam diretamente o cerne da expropriação dos bancos da riqueza produzida no país.

O programa da candidata Simone Tebet (MDB) sinaliza as medidas tradicionais da direita como garantia de serviços públicos a partir da desestatização das empresas públicas, incentivo à iniciativa privada e omite a relação com os bancos, pois mantém a política realizada nos últimos governos.

É necessário que o debate político nas eleições seja perpassado pela situação dos bancos no país que mesmo em intensa crise social, ampliam seus lucros e levam boa parte de nossas riquezas principalmente com o pagamento da dívida pública.

Precisamos romper com o Sistema Capitalista! Por um Governo da classe Trabalhadora, começando pelo não pagamento da dívida pública!

Lucro dos 4 maiores bancos: Itaú, Brdesco, BB e Santander (em bi de R\$)



# O BICENTENÁRIO DA (IN)DEPENDÊNCIA DO BRASIL

## A INDEPENDÊNCIA SOB CONTROLE DA CLASSE DOMINANTE

O 07 de setembro, mais do que uma data histórica, é um convite à reflexão radical sobre o processo de dependência socioeconômica da nação brasileira, bem como sobre o papel das organizações políticas no campo da esquerda, sobretudo, da fração que defende a ação revolucionária, no sentido de extrair as lições desse momento histórico.

Um ato sob controle da Coroa e de caráter nacionalista duvidoso, longe de promover a emancipação política, mergulhou o país em um endividamento externo que dura até os dias atuais, marcado pela dependência econômica e pelo reforço de relações patriarcais, racistas e de exclusão já existentes.

Do ponto de vista factual, no período de transição para o chamado “grito de independência” (veja nota 1), um dos principais objetivos da classe dominante era evitar o risco de repetir aqui uma revolução como a que ocorreu no Haiti (veja nota 2). Dessa forma, era preciso insuflar os ânimos populares, mas, apenas o necessário para acabar com o sistema colonial de modo gradual, sem abalar o poder dominante e principalmente, para promover a liberação e ampliação das relações comerciais com outros países, até então marcadas pelo comércio triangular (veja nota 3) e sob controle da metrópole.

## UMA INDEPENDÊNCIA QUE PAROU NO MEIO DO CAMINHO

O 07 de setembro só pode ser devidamente apreendido, quando analisado à luz do antagonismo entre capital e trabalho, pois, colocou sob novas bases, não só a dependência – da

dependência colonial de tipo clássico à dependência econômica de novo tipo –, como as relações de produção que precisavam ser liberadas, entre outras coisas, das amarras do regime escravista. Portanto, a independência formal decorrida desse processo, serviu para abafar as revoltas provinciais, as insurreições de indígenas e dos negros libertos e escravizados.

Por seu caráter heterogêneo – reunia liberais, abolicionistas, nacionalistas entre outros – o movimento amplo que levou à Proclamação da Independência tinha em sua base diferentes e contraditórias bandeiras políticas e econômicas, e todas, sem exceção, expressavam a oposição entre capital e trabalho manifesta nas transformações nas relações comerciais e de produção que estavam ocorrendo naquele momento, cujo objetivo da classe dominante não era o desenvolver a Nação, mas, a consolidação do processo de acumulação primitiva de capital e gênese do capitalismo.

A (in)dependência forjou relações, em essência, anacrônicas que a despeito do apelo à soberania, na prática inviabilizaram o desenvolvimento de longo prazo do país. Caracterizou-se também por uma perspectiva limitada de emancipação, pois confinou no âmbito da legalidade burguesa a agitação revolucionária marcante no período e logo em seguida reprimindo indígenas, a população negra e mulheres, a exemplo de Maria Felipa, Joana Angélica e Maria Quitéria. E, por fim, procurou evitar que o processo não avançasse, por exemplo, contra o trabalho escravo, base da riqueza social apropriada pelos senhores escravistas, os quais eram fundamentais na sustentação do Império.

Um exemplo atual deste confinamento da ação revolucionária nos marcos da legalidade, é o quadro político do Chile, onde a massa do povo que lutava foi convencida a trocar a arena de disputa na luta de classes. No lugar de ocupar as ruas, foram reduzidos a poucos representantes no interior da constituinte, mas a



## NOTAS

**Nota 1:** A imagem do grito às margens do Ipiranga em São Paulo, embora, ocupe as principais páginas dos livros de história, e as telas nas galerias de arte na verdade foi apenas um ato figurativo, antes disto, em 02 de setembro no Rio de Janeiro, a princesa regente Maria Leopoldina, assinou o Decreto de Independência. Uma independência que custou 2 milhões de libras esterlinas emprestadas pela Inglaterra, e manteve a monarquia.

**Nota 2:** Segundo carta de Maria Leopoldina, a conjuntura política da época era convulsiva: “*Pedro, o Brasil está como um vulcão. Até no paço há revolucionários. Até oficiais das tropas são revolucionários.*” (Domínio Público)

**Nota 3:** O comércio triangular, segundo Santos Neto (2015), era uma das formas de garantir a supremacia comercial da metrópole pela mediação do comércio de gente. No caso brasileiro, os navios saíam de Portugal, iam até a África onde compravam ou capturavam escravizados e que depois seriam trocados por açúcar e este por produtos manufaturados: “*O senhor de engenho estava submetido a uma contradição, se não comprasse escravos ao traficante, este não lhe compraria o açúcar. Eles eram obrigados a comprar escravizados dos traficantes que em troca lhes compravam o açúcar e lhes vendiam produtos manufaturados.*” (FREITAS, 2004).

despeito de terem elaborado um texto constitucional avançado, derrubando diversos dispositivos da política neoliberal, a burguesia conseguiu rejeitar a proposta, e, infelizmente, os representantes não estão mais ancorados pela massa nas ruas para fazer pressão em sentido contrário.



## UMA BURGUESIA DEPENDENTE ECONOMICAMENTE

Neste bicentenário da (in) dependência do Brasil, o que se destaca, na dinâmica social brasileira, é o estado permanente de dependência frente à ação parasitária e imperialista da burguesia na quadra atual de financeirização do capital.

Para além da falácia da soberania, se é correto afirmar segundo Engels que o “Estado é o produto e a manifestação do caráter inconciliável das contradições de classe”, então é verdadeiro afirmar que não há emancipação onde a sociedade se manifesta dividida em classes sociais antagônicas e a existência do Estado, expressando que essas contradições não podem ser conciliadas. Disto resulta que

só a ação revolucionária promove a emancipação do gênero humano das relações de tipo capitalistas marcadas pela exploração da força de trabalho e a opressão dos setores sociais que lutam por autodeterminação.

Contraditoriamente, no 07 de setembro deste ano, a palavra de ordem foi a defesa da democracia tendo seu corolário nas eleições de outubro, uma consigna sedutora que engessa a ação dos trabalhadores e a confina nos marcos do direito burguês.

Obviamente que não se deve desejar a ditadura ou a autocracia apregoada pelo chefe de Estado de plantão, mas, não se pode vender a ilusão de que a democracia da burguesia é o objetivo máximo a ser alcançado. Por essa lógica a

democracia do voto passa de mera trincheira na linha de defesa no interior da guerra de classes, para se transformar em todo o território a ser protegido, e, seguindo esta metáfora, os principais alvos a serem defendidos seguem desprotegidos.

A democracia burguesa é o máximo que se chega com a emancipação política, é o limite possível dentro do Estado burguês, uma expressão da política de conciliação entre as classes. Ocorre que, segundo Marx, o “Estado não poderia nem surgir nem manter-se se a conciliação de classes fosse possível”, destarte, o direito burguês assegura tão somente a manutenção do poder de Estado que em suma é o poder de uma classe sobre outra.



## COMO FALAR DE INDEPENDÊNCIA COM TANTOS PROBLEMAS SOCIAIS?

iates, jatinhos e helicópteros. Não há Independência com tanta miséria e desigualdade social.

### A INDEPENDÊNCIA SERÁ OBRA DA CLASSE TRABALHADORA

Entendemos que a Revolução Socialista é o único caminho para mudar essa situação econômica e social e também para alcançar uma verdadeira independência nacional. A burguesia brasileira defende a independência nacional “só da boca para fora”, sempre de joelhos diante das potências estrangeiras, aceitando todas as imposições. São muitos exemplos de sua submissão aos países ricos: as multinacionais atuam no país, exploram os trabalhadores brasileiros e mandam a riqueza produzida aqui para as matrizes; o pagamento da dívida pública (interna e externa) já saqueou trilhões e trilhões de dólares do país; e o agronegócio exportando a maior parte da produção de grãos e carnes enquanto o nosso povo passa fome, etc.

Parte da sustentação do Estado burguês, os militares brasileiros, além de tratar o povo como inimigo, também são totalmente submissos às Forças Armadas dos Estados Unidos, recebendo formação (ideológica e técnicas militares) na “Escola das Américas”, local de treinamento de

vários golpistas e realiza exercícios militares sob comando estadunidense, etc.

O interesse material e econômico dessa submissão é a possibilidade de exportar as matérias-primas e os produtos agrícolas para as burguesias imperialistas. Ampliar o processo de independência e defender os interesses nacionais significaria enfrentar as burguesias dos países industrializados e o risco de perder esse mercado, ou seja, uma relação de dependência. Assim, o projeto nacional arquitetado pela burguesia brasileira se amparou nessa subordinação e na repressão contra a classe trabalhadora, pois a luta pela independência nacional também significa o fim dos seus privilégios.

Por esses e muitos outros exemplos afirmamos que só a luta da classe trabalhadora, a maior vítima desse modelo, pode conquistar uma independência nacional de fato, construir um país soberano e garantir que a riqueza produzida sirva para atender as necessidades do nosso povo.

● Fora Bolsonaro e todo o seu governo!

● Um programa radical para acabar com a fome, a miséria e o desemprego!

● A Revolução Socialista é o caminho para a Independência Nacional.

**H**á uma profunda crise econômica. 33 milhões de pessoas passam fome e 125 milhões não tem alimento suficiente. 15 milhões de desempregados. E quase 40 milhões de pessoas estão no trabalho informal, isto é, sem nenhum direito trabalhista.

São milhares de pessoas morando debaixo de viadutos e nas calçadas, muitas vezes famílias inteiras com crianças e idosos. Mais de 680 mil pessoas morreram com a COVID, muitas das quais poderiam ser evitadas com a vacinação.

É um histórico do Brasil que se agravou com o governo Bolsonaro que sempre desprezou a vida do povo trabalhador.

Mas, há o Brasil dos ricos. São 62 bilionários (mais de um bilhão de dólares) com um patrimônio total de mais de R\$ 600 bilhões. Um punhado de pessoas que fica com a maior parte da riqueza produzida pela classe trabalhadora. Só os 20 mais ricos, eles possuem uma riqueza igual a 128 milhões de brasileiros.

Os ricos têm tantos privilégios que nem pagam impostos dos seus

# Os ANTIDEMOCRÁTICOS DEBATES ELEITORAIS

**E**m 28 de agosto último, foi realizado o tradicional debate presidencial da Band, que, em ano de eleições presidenciais, costuma ser o primeiro debate entre os grandes meios de comunicação, mas que, de novo, como já vem acontecendo há alguns anos, só reuniu os “principais” candidatos. Desta feita, a “desculpa” para não chamar as candidaturas anticapitalistas foi a de que só participariam as candidaturas dos partidos com representação no Congresso Nacional, mesmo com algumas delas com desempenho inferior nas pesquisas, até então, à candidata do PSTU.

Talvez até por isso mesmo o debate tenha sido morno. Foi um tal de se discutir corrupção, quem é mais ou menos corrupto, ou quem é o atual, o ex, ou possa ser o futuro governo corrupto. Todos os debatedores apresentaram ideias mirabolantes para resolver os problemas dos trabalhadores como desemprego, crise econômica, fome, meio ambiente, desigualdade social e tantas outras. Promessas. Sabemos que sem romper com o capitalismo.

Ou seja, essencialmente foi um debate entre iguais. Entre candidatos e partidos que defendem a democracia burguesa, o sistema, as alianças, o pagamento da dívida, tec., incluindo o próprio Bolsonaro que chantageia com ameaças golpistas. Os demais se limitaram a defesa da “democracia dos ricos”.

Nessa democracia há partidos como o Novo (que de novo só tem o nome) que é contra o financiamento público das campanhas, mas que recebe doações de empresários e banqueiros (dinheiro este que retiraram dos trabalhadores via tarifas e cobranças de juros, etc.), sendo uma das campanhas que mais recebe recursos privados. Ou um União Brasil com a maior fatia do fundo eleitoral e ao mesmo tempo partidos como o PSTU, PCB ou UP recebem muito menos. Dois pesos e duas medidas.

## FALTOU QUEM PODERIA DEBATER QUESTÕES IMPORTANTES

Não é um debate democrático. Assim, não é de se estranhar a ausência da candidata Vera Lúcia (PSTU), Sofia Manzano (PCB) e de Leonardo Péricles (UP), as únicas candidaturas com um viés anticapitalista. Seriam os únicos que poderiam debater questões importantes como não pagar a dívida pública – interna e externa- (já pagas várias vezes). Para ficar nesse tema, segundo dados da Auditoria Cidadã da Dívida, todos os anos, praticamente a metade do orçamento público vai para pagar essas dívidas. Dinheiro que poderia acabar com vários sociais, mas fica com os agiotas e especuladores.

Só os candidatos anticapitalistas poderiam debater sobre como o sistema eleitoral privilegia os maiores partidos e quem tem mais dinheiro, taxar as grandes fortunas para diminuir as desigualdades sociais, o controle e revogabilidade dos mandatos caso algum político eleito vote medidas contra os trabalhadores, que políticos eleitos recebam um salário igual ao de um trabalhador médio da indústria, entre outros temas que os partidos burgueses se recusam a debater.

Em resumo, foi um debate dentro da “Lei e da Ordem”, entre aqueles que defendem o regime democrático burguês, ou seja, distante do que é uma democracia operária, construída de baixo para cima.

Um debate que todos se propuseram a serem administradores das desgraças do capitalismo, e mesmo assim resolver os problemas dos trabalhadores. Impossível! O capitalismo é a causa de todos os problemas sociais, o desemprego, a falta de hospitais e escolas, os problemas do transporte, a violência, a corrupção, etc.

Um sistema que já nasce viciado e que de democrático não tem nada, pois se baseia na lei dos mais fortes economicamente. Essas eleições não nos servem! Só a luta pelo socialismo muda a nossa vida!



## EXISTE POSSIBILIDADE DE UM GOLPE DE DIREITA?

**C**om a proximidade das eleições muito tem se dito sobre a possibilidade de um golpe caso Bolsonaro não ganhe e que o resultado das eleições não será respeitado. Citam o exemplo da invasão do Capitólio nos Estados Unidos. Embora nenhuma dessas possibilidades possa ser 100% descartada, não nos parece ser o mais provável, diferentemente do que aconteceu em 1964, com a implantação da Ditadura.

Também devemos levar em consideração que a candidatura Lula/Alckmin embora não tenha apoio da burguesia de conjunto, conta com a ajuda de importantes setores da burguesia, até porque o Governo Bolsonaro foi uma “aventura” e se mostrou um verdadeiro desastre para os seus negócios. A “Carta pela democracia” foi uma demonstração da burguesia de que não apoia nenhum ação golpista.

Bolsonaro não tem apoio popular para efetivar um golpe. Mesmo a inserção em parte das camadas populares, graças ao apoio “dos mercadores da fé” e de medidas como o auxílio de R\$ 600,00 (só adotadas às vésperas das eleições) e farta utilização de “fake news”, ainda assim, não é suficiente para suas pretensões golpistas.

A burguesia opta por Golpes de Estado quando há mobilização popular questionando a exploração, há organização independente da classe trabalhadora ou, em alguns casos, quando uma candidatura que lidera as pesquisas ou o eleito tem um perfil de rompimento com a ordem capitalista e as instituições da democracia burguesa não conseguem deter o movimento. Ou seja, quando a hegemonia burguesa está em perigo. Enfim, esta não parece ser a situação do Brasil no momento.

# A FOME NO MUNDO: UM PRODUTO DA SOCIEDADE CAPITALISTA

Já apontamos algumas vezes o aumento considerável de pessoas sem condições de garantir as refeições mínimas por dia. Mas ainda que seja um grave problema em nosso país, ele não é o único. A fome aumenta em diversos países e não por coincidência, nos mais pobres.

A cadeia de fornecimento de alimentos, controlada por empresas multinacionais, controlam a imensa maioria da produção de alimentos e fertilizantes, bem como grande parte das terras cultiváveis.

Os sucessivos desafios enfrentados pelo capital nos últimos anos levaram essas empresas a grandes dificuldades de manter essa cadeia de produção disponível para toda a população mundial. A crise de 2008 que afetou diversos ramos do capital também afetou a indústria de alimentos que reduziu investimentos, assim como tiveram dificuldades em 2011 e 2012 com outra alta no preço dos alimentos.

Como se não bastasse a crise do capital, outras diversas consequências da sanha exploratória capitalista também levaram a dificuldades nesse setor, como o aumento do preço do petróleo, o aumento de demanda de biocombustível a base de milho, o aumento nos custos de transporte, a especulação no mercado financeiro, a queda nos estoques de grãos, as mudanças climáticas que afetam diretamente o cultivo, além das medidas protecionistas que diversos países tomaram para evitar crises internas.

Posteriormente tivemos a pandemia que recuou todo o mercado e a guerra na Ucrânia que impactou nas vendas de dois dos maiores exportadores de grãos do mundo (Rússia e Ucrânia exportam 30% dos grãos no mundo). A Rússia ainda é responsável pela exportação de 11% do petróleo mundial e 13% de fertilizantes. A Ucrânia exporta metade do uso mundial de óleo de girassol.

## AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS AFETAM DIRETAMENTE A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS

É crescente o debate sobre a crise climática que vivemos e a

superexploração do planeta para a produção de riquezas (voltadas aos capitalistas, claro).

O tão falado aquecimento global além de dificultar cada vez mais a nossa existência no planeta devido às catástrofes que ocorrem no meio ambiente como enchentes, secas, calor e incêndios florestais, ainda dificultam condições adequadas de produção de alimentos e, em certas ocasiões, prejuízos enormes nessa cadeia.

Só para citar dois exemplos, a ilha de Madagascar, entre janeiro e fevereiro desse ano, sofreu com inundações e ciclones que devastaram o país e está com o sistema de produção de alimentos quebrado até hoje. O Paquistão sofre nesse momento também com intensas chuvas que inundaram um terço do país. Até o momento, 1,1 mil pessoas morreram, sendo que 1/3 foram crianças. As autoridades locais já preveem uma escassez de alimentos no país pelos próximos meses.

## A CRISE DA FOME ALIMENTADA PELA CRISE DA DÍVIDA PÚBLICA

Segundo o Programa Mundial de Alimentos, a população desnutrida aumentou em 118 milhões de pessoas em 2020. As pessoas com fome aguda (que não conseguem realizar todas as refeições mínimas por dia) aumentou em 40 milhões de pessoas.

Esse fenômeno ocorre, principalmente, nos países mais pobres e com maior endividamento aos grandes bancos mundiais. A situação de super endividamento aumentou de 30% para 60% dos países de baixa renda.

Só em 2020, conforme o Banco Mundial, os países mais pobres acumularam uma dívida de 860 bilhões



de dólares. O Sri Lanka (palco de lutas no último período) acumula dívida de 45 milhões de dólares, dos quais vence ainda este ano, 7 milhões de dólares, e está prestes a quebrar, como ocorreu com a Argentina e o Líbano durante a pandemia.

## A FARSA DAS MEDIDAS DE SOLUÇÃO DA BURGUESIA

Devido a esse cenário caótico que vivemos, o FMI e as grandes potências ofereceram a suspensão (sequer uma anulação) do pagamento da dívida, ainda assim foi ínfimo, somente 10,3 bilhões de dólares (nem 10% da dívida contraída em 2020...).

Outra “solução” do FMI foi de aumentar o valor de Direitos Especiais de Saque (DES), mas devido às cotas proporcionais, todo o continente africano teve acesso menor do que o banco central da Alemanha!

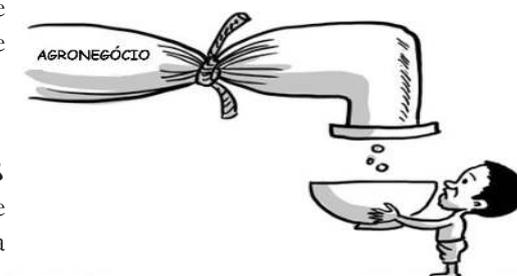
Os governos e bancos centrais estão ainda, aumentando as taxas de juros, o que implica mais endividamento dos países mais pobres que já possuem muita dificuldades de exportação de alimentos.

## A SOLUÇÃO PARA A CRISE É A LUTA DA CLASSE TRABALHADORA!

Mesmo que muitas entidades mundiais apontam a necessidade de medidas de maior distribuição de renda, produção controlada e não predatória e até anulação das dívidas dos estados; nada é feito.

Não há perspectiva, sob a ótica do capital de reverter essa situação, visto que não traz lucros necessários para a sustentação desse sistema.

Precisamos reverter essa situação com a organização da classe trabalhadora para garantir o não pagamento das dívidas dos países pobres e que essa renda seja revertida para a produção de alimentos e serviços básicos para a população, com produção que não destrua as reservas naturais que são fundamentais para a existência de vida no planeta.



# CHILE: DERROTA NO PLEBISCITO MOSTRA OS LIMITES DA COLABORAÇÃO DE CLASSES

A derrota recente no Plebiscito (que ia referendar uma Nova Constituição para o Chile e também enterrar Constituição em vigor desde 1980, após o golpe encabeçado por Pinochet em 11 de setembro de 1973 contra Salvador Allende e passando até por governos como o da “socialista” Michele Bachelet) mostrou os limites da condução política dada ao processo de explosão popular que passou o país andino, em 2019 e 2020.

Em dia 25 de outubro de 2019, protestos estudantis começaram contra o aumento das passagens no Metrô e culminaram com a maior manifestação da história chilena (com 1,2 milhão de pessoas). Precedida de uma Greve Geral que, enfrentando o Estado de Emergência decretado pelo presidente ultraliberal Piñera e a violenta repressão de Carabineiros (polícia com histórico criminoso desde o governo Pinochet), resultou em 20 mortos, 592 civis feridos e centenas de detidos infelizmente.

Esse processo foi canalizado para o fortalecimento das instituições da democracia burguesa e não buscou a superação das mesmas. Nesse

sentido, em abril de 2020, foi eleita uma Constituinte para uma nova Constituição. Ao mesmo tempo abriu-se mão, na prática, da construção de uma nova Greve Geral, que faria com que a classe trabalhadora e a população explorada não perdessem as rédeas da condução política no país. Dessa forma, garantiu-se a governabilidade de Piñera até o final do mandato.

As eleições presidenciais chilenas, em final de 2021, deram mais um sinal de que “tudo que não avança, retrocede”. O candidato da extrema-direita José Antonio Kast venceu o primeiro turno com 27,91% e em segundo ficou Gabriel Boric, da Frente Ampla chilena com 25,83%. E Boric venceu o segundo turno com 11,74% de votos de vantagem.

Porém, com inflação acima de dois dígitos, altos preços do gás e dos alimentos a popularidade de Boric despencou no seu primeiro ano de mandato, não se mostrando diferente do modelo anterior de governo. E mesmo que a nova Carta Constitucional tivesse pontos importantes (como Saúde, Previdência, Educação pública, além de outros setores e enterrasse em parte



o entulho constitucional pinochetista) a mesma não mexia na propriedade privada dos meios de produção e não tocava um milímetro nas Forças Armadas, colunas vertebrais do Estado burguês chileno e bastião do governo genocida de Pinochet.

O resultado foi que por 61,8% a 38,1% o Plebiscito consagrou a vitória do “Rejeito” contra o “Aprovo” e a nova Carta Constitucional chilena foi rechaçada. Boric, em seguida, anunciou uma Reforma Ministerial e prometeu uma nova Carta Constitucional com o Congresso (onde a oposição, reunida em setores de centro-direita, de direita e de extrema direita, tem maioria).

Enfim, Boric abrirá um novo processo constituinte só com os partidos políticos com representação no parlamento, isto é, deixará de fora quem não têm representação política no Congresso. E jogará a pá de cal no rico processo de explosão social da classe trabalhado por qual passou o Chile em 2019 e 2020.

## ARGENTINA: RESPOSTA DE MASSAS AO ATENTADO DE EXTREMA-DIREITA

Em meio a uma grave crise econômica, em que se projeta uma inflação para 2022 de 95%, o presidente argentino Alberto Fernández viu despencar, em torno de 21%, a sua já frágil popularidade.

Fernández (com a vice peronista Cristina Kirchner), eleito em 2019, com uma expectativa de não se submeter ao capital financeiro como fez o seu antecessor ultraliberal Macri, diante do caos econômico e político que se avizinha no país passou o controle das principais áreas do governo ao atual presidente da Câmara de Deputados Sergio Massa, que possui largos serviços prestados ao capital financeiro, no governo de Macri.

Massa acabou se tornando um “superministro” da Economia, Desenvolvimento Produtivo, Agricultura, Pecuária e Pesca e tem buscado a construção de um novo acordo com o FMI, que promete mais ajustes fiscais e mais ataques sociais. Foi nessa conjuntura, em que as propostas

liberais capitalistas tomaram a ofensiva política com a anuência do peronismo, que se deu a tentativa fracassada de atentado a Cristina Kirchner por Fernando Andrés Sabag Montiel (brasileiro simpatizante do bolsonarismo, em uma falha suspeita da segurança peronista).

Como resposta à tentativa de atentado de extrema-direita grandes manifestações convocadas por Fernández ocorreram em Buenos Aires e nas grandes cidades argentinas, em início de setembro. Foram apoiadas na memória histórica construída no país contra o sanguinário regime militar que governou de 1976 a 83 e que terminou com quatro ex-presidentes (Jorge Rafael Videla, Roberto Viola, Leopoldo Galtieri e Reynaldo Bignone) presos por crimes de tortura, sequestro ou assassinato.

Esse rechaço à tentativa de atentado fascista contra Kirchner tem que ser parte de uma justa campanha da esquerda internacional contra a extrema-direita. Uma outra questão, é estarmos atentos porque tanto Fernández quanto Kirchner (antes do atentado com baixa popularidade, em torno de 20%) procuram utilizar o episódio para cacifar novamente o governo, que tem se mostrado submisso ao capital financeiro e ao FMI.